

Sacrifício e escrita em Christoph Türcke

Eduardo Guerreiro Brito Losso¹

Resumo: O texto introduz o leitor na recente obra de Christoph Türcke e sua tese de que a compulsão à repetição traumática está na origem da cultura, iniciada no livro *Sociedade excitada: filosofia da sensação* e aprofundada em *Filosofia do sonho*. Do ritual de sacrifício ao sinal de Caim, o autor apresenta uma visão geral dos estágios dialéticos da pré-história.

Palavras-chave: compulsão à repetição; trauma; sacrifício; escrita.

Ao lado de um conjunto de pensadores que estão hoje, depois da queda do muro de Berlim, sendo considerados os mais relevantes, tanto para a filosofia e ciências humanas em geral quanto para problemas contemporâneos, Türcke enfrenta vários desafios em comum: pensar a insegurança, a diminuição da qualidade de vida, a perda de conquistas trabalhistas, a crise global, a mudança de configuração do poder mundial, o advento da internet e novas tecnologias etc. Para introduzir algo relevante diante do que já foi teorizado, pressionado pelas potencialidades e dificuldades crescentes já conhecidas da modernidade, bem como pelas novidades, o livro *Sociedade excitada: filosofia da sensação* dá início à parte mais ambiciosa de sua obra e de fato consegue formular problemas atuais e retomar questões anteriores com uma qualidade dificilmente encontrada. O ponto de partida do livro é abordar as consequências das mudanças atuais da percepção causadas pela sociedade de consumo, em especial o papel das novas mídias: televisão, computadores pessoais, internet, celulares. Os teóricos da mídia, que tanto disso se ocupam, tendem a dar respostas afirmativas para tais fenômenos, receosos de que a teoria se torne conservadora diante do avanço tecnológico. Türcke parte de fatos concretos (a invasão da lógica da propaganda na esfera da diversão e do trabalho, o bombardeio de informações constantes e diárias, o que ele denomina de “compulsão à emissão” dos internautas e o decorrente déficit de atenção em adultos e crianças) para analisar as origens históricas do processo de espetacularização da diversão. Daí resulta uma crítica dos terríveis efeitos da tecnologia ao costurar histórica e teoricamente a ligação intrínseca entre droga e mídia, ao constatar que estamos nos viciando em altas doses de emissão de carga audiovisual. Seu resultado imediato é embotar nossa capacidade de refletir e imaginar.

Por isso mesmo, em *Sociedade excitada*, Türcke começa a se incumbir da tarefa de examinar a origem e a história daquilo que hoje está sendo ameaçado, isto é, nossa capacidade de parar e refletir. No capítulo 3 intitulado “Fisioteologia da sensação”, ao focar a origem da civilização, da linguagem e do pensamento, ele lança a tese de que a compulsão traumática à repetição é a razão oculta do sacrifício, isto é, está nada mais nada menos do que na origem da religião, daí ser “criadora da cultura” (Türcke, 2010b, pp. 137-147). O homem primitivo, assim como o animal, precisava lidar com ameaças (animais assustadores, tempestades, terremotos, erupções etc.). Sonhando com elas, formava uma espécie de trauma elementar em torno dos sinais de perigo. O problema básico do homem pré-histórico

1 Professor adjunto de Teoria da Literatura da UFRRJ.

é que, se hoje sabemos que o trauma exige um tratamento sofisticado, na época não havia analista, escuta analítica, fala, nem mesmo linguagem. A questão passa a ser como um animal sem uma formação psíquica estruturada encontraria qualquer saída. Contudo, ao contrário dos outros animais, o homem sentiu necessidade de reagir ativamente ao terror. Com essa motivação, ele produziu um ritual de sacrifício, oferecendo uma parte da comunidade à ameaça. Se essa atitude absurda (aos olhos do homem moderno) reproduz o trauma, alimenta-o, por outro lado, foi o ponto de partida para sair dele: a primeira providência em busca da salvação. Reproduzir a fantasia traumática no ritual foi o ato primordial, cerne da “produção” propriamente dita, aquilo que levou todo o processo de formação da cultura para diante. Na extrema contradição dialética da atividade ritual, na sua repetição frequente e na exigência da mais intensa concentração nascem os símbolos, nomes, frases, estruturas gramaticais, a linguagem, o trabalho, a cultura. Só na repetição ritual foi possível aparecer a criação, a novidade, o salto dialético (Türcke, 2008, pp. 204-219).

A tese foi a parte mais especialmente mal recebida de *Sociedade excitada* pelos seus críticos, em 2002. Os dois livros posteriores, que formam com *Sociedade excitada* uma trilogia, tiveram como motivação fundamentar a tese. O próximo livro da trilogia é *Vom Kainszeichen zum genetischen Code: Kritische Theorie der Schrift*,² de 2005, em seguida, *Filosofia do sonho*, de 2008. Este último se dedica a analisar os princípios do ritual sacrificial na pré-história dando continuidade a um ramo importante da pesquisa freudiana: realizar uma arqueologia da compulsão à repetição (Türcke, 2010b, p. 132). O livro anterior trata do momento seguinte: dos primeiros sinais da pré-escrita até as provas arqueológicas iniciais da escrita. Percebe-se que o desdobramento da tese na trilogia foi feito na direção retrocedente, penso que devido a dificuldade mesma da tarefa de pensar filosoficamente a pré-história não com hipóteses teóricas irreais (como o assassinato do pai pelos filhos em “Totem e tabu” de Freud, ou da necessidade do dispêndio, em Bataille), mas com base em dados paleontológicos, arqueológicos e neurológicos; submetendo-os todos, contudo, a um escrutínio interpretativo fundamentado na psicanálise. Em outras palavras, *Filosofia do sonho* examina uma fase mais originária só porque o autor deteve-se na origem da escrita e nela preparou seu próprio tino para abordar o âmbito da filosofia da origem enquanto tal. Além disso, vale ressaltar, é o livro que versa mais intensamente sobre Freud e a psicanálise. Trata-se de desafiar a pouca atenção das teorias modernas e recentes enfrentando novas descobertas científicas, sem dúvida, mas também de submeter tais descobertas ao exame de uma filosofia materialista que não abre mão da especulação e da “fantasia exata”, para usar uma expressão de Adorno. Por mais imperfeições e problemas que os críticos possam apontar, considero um feito teórico de alta envergadura e que merece ser levado em conta tanto nas discussões sobre antropologia filosófica quanto nas suas consequências teóricas para a teoria da mídia e crítica da sociedade. Depois de *Filosofia do sonho*, apareceu o livro *Sonho de Jesus. Psicanálise do Novo Testamento (Jesu Traum. Psychoanalyse des Neuen Testaments)*, 2009) que, depois do retorno à mais remota origem do livro anterior e da interpretação de trechos-chaves do Velho Testamento, dedica-se ao Novo Testamento, de forma que é, de certo modo, a continuação de *Filosofia do sonho* aplicada às origens do cristianismo. Detenhamo-nos no segundo volume da trilogia, *Do sinal de Caim ao código genético*. Seu ponto de partida é a misteriosa história de Caim.

2 *Do sinal de Caim ao código genético: teoria crítica da escrita.*

Caim é o filho mais velho de Adão e Eva, e Abel, o mais novo. “Caim apresentou os produtos do solo em oferenda a Iahweh; Abel, por sua vez, também ofereceu as primícias e a gordura de seu rebanho. Ora, Iahweh agradou-se de Abel e sua oferenda. Mas não se agradou de Caim e de sua oferenda” (*Genesis*, 4, 3-5). Por isso Caim matou Abel e o Senhor o amaldiçoou: “serás um fugitivo errante sobre a terra” (*Genesis*, 4, 12). Caim replica: “mas o primeiro que me encontrar me matará!” (*Genesis*, 4, 14), ou seja, “Minha culpa é muito pesada para suportá-la” (*Genesis*, 4, 13). O Senhor, então, surpreendentemente, conclui: “Quem matar Caim será vingado sete vezes. E Iahweh colocou um sinal sobre Caim, a fim de que não fosse morto por quem o encontrasse.” (*Genesis*, 4, 15). Depois de pontuar a falta de sentido e impossibilidade de interpretação dessa estranha narrativa (Türcke, 2005, p. 19), a interpretação do filósofo começa observando que os irmãos encarnam diferentes estágios culturais: Caim, o mais velho, é um lavrador, Abel, um pastor. Historicamente, porém, o cultivo de produtos agrícolas veio depois do pastoreio, sem esquecer o estágio intermediário da caça, que é omitido. Antes da oferenda de plantas, houve sacrifício de animais. Há um assassinato primordial de irmão contra irmão, fruto de raiva espontânea e falta de controle do desejo. Contudo, antes do sacrifício de animais, havia sacrifício de membros da comunidade. Se o texto inverteu a ordem dos fatos históricos e não menciona as origens do sacrifício, encobrindo-as sob a forma da raiva de um irmão, Türcke sugere que há uma série de deslocamentos e inversões na história que não tiveram outra motivação senão denegar um fato insuportável: o sacrifício de pessoas (Türcke, 2005, p. 21). O estágio cultural alcançado pelo judaísmo, que produziu escrita do Pentateuco, encontra-se, segundo ele, numa etapa posterior ao sacrifício humano e desenvolveu uma repulsa especial contra ele. O sinal de Caim é a escrita no corpo que substitui e proíbe o sacrifício.

Com base na hipótese de que a narrativa introduz um grande deslocamento do ritual de sacrifício, numa época em que a adoração de imagens politeísta e seus sacrifícios foram banidos por meio da proibição de imagens judaica, a história, segundo Türcke, não revela nenhuma de suas intenções, mas torna-se o símbolo mesmo da escrita originária, é “o significante *par excellence*” (Türcke, 2005, p. 39) que serve para substituir a violência originária do sacrifício pelo ferimento na pele. Com base em dados antropológicos, infere-se que a chaga (assim como, depois, a tatuagem) é uma forma de pré-escrita.

O sinal de Caim é a escrita originária, momento do Velho Testamento que serve para indicar, ocultando, o horror do sacrifício, a cicatriz traumática que ele imprime na formação psíquica da civilização. Ele condensa uma complexidade dialética de grande alcance: é repetição e reprodução do sacrifício num outro nível, mas é também a proteção contra seu horror e difusão. A dialética da origem da escrita salta, sobrepondo-se, à dialética do sacrifício cultural. Logo, possui a mesma função contraditória do sacrifício, que é a de afastar a ameaça, conduzindo-a ao interior de um ritual, pretendendo controlá-la por meio de sua internalização comunitária, imitando o terror para conquistar a capacidade de porventura dele se diferenciar. Mas se o sacrifício responde ao fantasma da ameaça natural divinizada para aplacá-lo, a escrita originária responde ao sacrifício para superá-lo. Não existe escrita sem corte, incisão, ferida, motivo pelo qual as armas de combate são irmãs dos instrumentos de escrita; contudo, a escrita originária já é uma ferida secundária que substitui, ao se opor, a violência originária, isto é, a escrita é a filha bastarda do sacrifício. O desenvolvimento da escrita, de ferida do corpo à impressão em pedra, argila, gesso, papiro etc., reproduz a substituição do ato mortal em arquivamento do vivente; substitui a marca da morte por um certo sepultamento da fala, do canto e do pensamento; substitui a violên-

cia de batalhas pela memória gloriosa do passado, enfim, o herói é substituído pelo poeta épico: aquele que, com ajuda das musas, tem a função de relembrar.

No decorrer do livro entendemos melhor a insuspeitada interpretação do sinal de Caim: por trás do hermetismo e brevidade do texto bíblico, revela-se paulatinamente toda a sua base pré-histórica e suas correlações com a problemática da entrada da escrita como *medium* da memória e pensamento do homem.

Türcke faz o uso mais recente e surpreendente da hermenêutica psicanalítica para descobrir novas mensagens cifradas em textos antigos bem conhecidos, como a *Bíblia*, e pouco abordados, como *Gilgamesh*. Os textos antigos e suas revelações históricas, analisadas conceitualmente passo a passo, tornam-se fontes de uma reformulação teórica para o marxismo e a psicanálise cuja singularidade criativa e necessidade crítica dificilmente passam despercebidas dos leitores cuidadosos.

Em termos de ganho para uma perspectiva materialista, ele se mostra atento em focar o trabalho secular do homem, despertar-nos sempre a sensibilidade para o esquecido esforço de gerações nas brumas da pré-história. Assim, passa a fazer uma filosofia da pré-história que se torna um materialismo dialético no sentido mais genuíno, partindo de um núcleo conceitual essencialmente psicanalítico. Em suma, pratica uma verdadeira renovação do freudo-marxismo.

Türcke acompanha o desenvolvimento do lento e esquecido esforço do homem pré-histórico reconstruindo-o por meio de uma estrita análise genealógica. Sua escrita clara torna palpável para o leitor processos antepassados ignorados. Tal clareza, no entanto, é fruto de um exercício narrativo e conceitual constante, até mesmo com as qualidades de uma sistematicidade que nunca perde de vista o tempo e o embalo da leitura. Redescobrir uma gama de atividades geracionais passadas por trás de conceitos filosóficos abstratos: eis a difícil tarefa de um materialismo histórico que, em vez de repetir fórmulas marxistas ou frankfurtianas ou enfraquecer seu legado, revela-nos o quanto esta tradição pode – e deve – renovar-se e surpreender sua própria base. Tornar a reflexão sobre a pré-história um modo de aprofundar e precisar conceitos tão discutidos teoricamente (como signo, linguagem, sensação, espírito etc.) é uma saída importante para o lado indesejável da teoria de sair do círculo do concreto, ao mesmo tempo que resguarda a distancia necessária da realidade reificadora para praticar “uma imaginação exata” e não perder de vista a liberdade mesma da filosofia de poder explorar caminhos desprezados pela urgência utilitarista por soluções rápidas. É uma maneira de seguir à risca o conselho de Benjamin de entreolhar os fracassados da história por trás da comissão de frente dos vencedores, embora, nesse caso, a história ignorada dos nossos antepassados não seja só a dos fracassados, antes, a de vitoriosos desconhecidos e anônimos, que tornaram possível a facilidade da criança de aprender a falar, por exemplo (é um dos assuntos de *Filosofia do sonho*). Türcke aguça no leitor uma sensibilidade histórico-genealógica para redescobrir, na história da cultura, esforços geracionais que tornaram a cultura possível e no entanto foram apagados pela sua própria tendência implacável de associação com a dominação.

Portanto, se a história, enquanto filha, dominou hoje a paternidade da pré-história, cegando-se para ela, configurando-se como uma espécie de Édipo assassino do pai original, é tarefa da filosofia fazer, digamos assim, a análise psicanalítica da história, o que seria um outro modo de fazer dialética do esclarecimento, dando à “arqueologia da psique” um alcance inesperado.

Sacrificio y escritura en Christoph Türcke

Resumen: El texto introduce al lector al reciente trabajo de Christoph Türcke y su tesis de que la compulsión a la repetición traumática está en el origen de la cultura, que se inició en el libro *Sociedad Excitada: Filosofía de la Sensación* y se profundizó en *Filosofía del Sueño*. Del ritual de sacrificio hasta la señal de Caín, el autor presenta una visión general de las etapas dialécticas de la prehistoria.

Palabras clave: compulsión a la repetición; trauma; sacrificio; escritura.

Sacrifice and writing in Christoph Türcke

Abstract: The text introduces the reader to the recent work of Christoph Türcke and his thesis that the traumatic repetition compulsion is in the origin of culture. Türcke began this thesis in the book *Excited society: Philosophy of Sensation* and deepened it in *The Philosophy of Dreams*. From ritual sacrifice to the mark of Cain, the author presents an overview of the dialectical stages of prehistory.

Keywords: repetition compulsion; trauma; sacrifice; writing.

Referências

- Türcke, C. (2002). *Erregte Gesellschaft. Philosophie der Sensation*. Munchen: C.H. Beck.
- Türcke, C. (2005). *Vom Kainszeichen zum genetischen Code: Kritische Theorie der Schrift*. Munchen: C.H. Beck.
- Türcke, C. (2010a). *Filosofia do sonho*. Ijuí: Unijuí.
- Türcke, C. (2010b). *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Türcke, C. (2008). *Philosophie des Traums*. Munchen: C.H. Beck.
- Türcke, C. (2009). *Jesu Traum. Psychoanalyse des Neuen Testaments*. Springe: Zu Klampen.
- A Bíblia de Jerusalém* (1985). São Paulo: Paulinas.

[Recebido em 23.8.2011, aceito em 16.9.2011]

Eduardo Guerreiro Brito Losso

[Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro UFRRJ]

Rua Moura Brasil, 60/204 | Laranjeiras

22231-200 Rio de Janeiro, RJ

Tel: 21 2553-1137 | 21 9221-0352

edugbl@msn.com